

# **A CRÍTICA LITERÁRIA NO BRASIL** **(Últimos quinze anos)**

Roberto Corrêa dos Santos\*

## **RESUMO**

Exame das principais vertentes da Crítica Literária Universitária exercida no Brasil nos últimos 15 anos, após a implantação dos Cursos de Pós-Graduação em Letras. Os dois centros definidores (Rio de Janeiro e São Paulo), as linhas de pesquisas mais desenvolvidas e sua irradiação em outros Estados.

## **ABSTRACT**

Analysis of the main trends of Academic Literary Criticism developed in Brazil in the last 15 years, after the implementation of Graduate courses in Literature. The most remarkable research centers (Rio de Janeiro and São Paulo), the most developed kind of research and its spreading to other states.

---

\* Professor de Teoria Literária da UFRJ.

Difícil escrever em 1989 sobre a Crítica Literária feita no Brasil nestes últimos quinze anos, justamente no momento em que tal atividade passa de algum modo a ter a sua importância reconhecida, justamente numa hora em que já não são tantas as obras literárias nacionais recentes a desempenharem o poder costumeiro de ativar a consciência estética e crítica da parte ativa e pensante da população. O espaço para as idéias e para as proposições interpretativas da cultura parece ser hoje ocupado ou pelo filósofo político, ou pelo historiador, ou pelo crítico de literatura. Olhando-se o panorama das publicações em livro, das teses e dissertações universitárias, das revistas especializadas e dos cadernos de literatura dos jornais, das participações em seminários e colóquios, das equipes de trabalho nas diferentes Universidades Federais e Estaduais e em algumas poucas Universidades privadas, como as Pontifícias Católicas, o que se observa é uma quantidade altamente expressiva de estudos concluídos, de pesquisas em andamento, de temas e de aspectos críticos, distribuídos, pelo menos numa primeira avaliação, segundo uma não menos vasta diversidade de perspectivas, de campos de interesse, de linhas de pesquisa.

Estamos hoje no Brasil vivendo o que se pode chamar, grosso modo, uma *fase de resultados*. Frutos alguns consolidados e outros em consolidação de mudanças de mentalidade no seio da cultura brasileira, correlatas às mudanças de mentalidade e de formação por que passa o acesso não só à literatura ela mesma, mas também aos seus modos de abordagem, após ter-se constituído ao longo do tempo, em especial no Rio de Janeiro e em São Paulo, centros reconhecidos de excelência acadêmica. Deve-se ter em vista ainda, no tocante às mudanças ocorridas na Crítica Literária, a criação e o estabelecimento, no país, em 1968, dos Cursos de Pós-Graduação em Letras, propiciando, por meio das especializações, o desenvolvimento de estudos mais sistemáticos das literaturas em língua portuguesa e o contato mais direto e mais produtivo com as modernas teorias acerca da linguagem e da literatura.

As transformações são frutos também do esforço de intelectuais pioneiros, empenhados, já bem antes, nesse abalo da tradição, muitas vezes diletante e impressionista, por que se norteava a Crítica Literária; entre esses pioneiros hão de se ressaltar a dedicação e a qualidade analítica das fortes figuras de Afrânio Coutinho e de Antonio Candido que, com projetos críticos e compreensões filosóficas bastante distintas, deram à Universidade, quanto aos estudos literários, as bases de uma reflexão cuidadosa, pautada na pesquisa paciente, na erudição requintada e sensível, no amor ao saber e às humanidades. Fosse feita uma história de longa duração da Crítica Literária entre nós, por certo o trabalho desses dois estudiosos marcaria a descontinuidade, a ruptura: a instalação do começo dessa nova mentalidade.

Com o advento dos Cursos de Pós-Graduação, a Crítica foi aos poucos afastando-se do espaço dos jornais — espaço mais público, é verdade, e fundamental a um projeto de ampliação do público leitor — para residir e fortalecer-se na Universidade. A especialização nascente provocou a necessidade de busca de novos métodos de leitura e de teorias críticas, a par de exigir uma outra conduta de escrita, condizente com os moldes propostos pela vida acadêmica. Os textos primeiros daí oriundos foram, sem dúvida, tantas vezes protocolares demais, obedientes demais às regras das monografias e ao primado da teoria e da metodologia excessivamente explicitadas. Pela necessidade de um ganho científico, muito pode-se ter perdido em sensibilidade e gosto, já que, na mudança de paradigma do trato literário, pareceu indispensável o controle daquela força essencial a qualquer instrumento de abordagem, a intuição, força aprimorada pelo diálogo permanente com as grandes obras do espírito. Ao vigorar nos anos 70 o modelo da tese, segundo uma uniformidade rígida, ao lado do emergente esforço de atualização quanto às contribuições estrangeiras, houve não apenas perdas — inevitáveis no começo da criação de uma consciência qualquer —, mas também transformações positivas consideráveis: a linguagem literária e a linguagem como — um todo entraram em suspeita, os objetos concretos da literatura — contos, romances, poemas — passaram a ser examinados em sua complexidade discursiva, considerados com base em sua tessitura própria, vistos pois como processos de identidade particular e intersignifica. A literatura passa assim a ser de fato e predominantemente objeto de uma disciplina, e, como tal, marcada por sua constituição histórica e formal; daí a

necessidade de fortalecimento de uma teoria da literatura, concebida, enfim, entre nós, como um saber que se pensa epistemologicamente, que se volta para o exame de um objeto específico a ser definido, que formula e emprega métodos, técnicas e processos, elaborando categorias e princípios sólidos, articulados a um campo maior, ao das Ciências Sociais e Humanas. Tais necessidades, históricas e interdisciplinares, vão marcar grande parte da Crítica Literária em seu período de sistematização universitária.

A chamada *crítica de rodapé* que antes vigorava, de natureza jornalística, com colunas permanentes e identificada pela autoridade opinativa de quem a assinava, acabou por ser rechaçada, em virtude dessa atitude crítica em formação, e também pelo confronto direto, firmado, em modos mais ou menos polêmicos, por estudiosos sérios, que dentro de uma nova visão universitária, procuraram definir o papel do crítico, distinto do "reviewer", em função do apelo à importância de se formar para o estudo literário uma base coerente de valores, uma compreensão mais global dos fenômenos estéticos, um escopo filosófico mais definido, de modo que as pesquisas tenham em conta a necessária relação entre os fundamentos do saber teórico e o exame, minucioso e detido, das obras concretas.

Esse panorama breve, que assinala alguns antecedentes e grifa os Cursos de Pós-Graduação na área dos estudos literários como marco significativo das mudanças hoje consubstanciadas, visa a auxiliar no entendimento das tensões anteriores, bem como dos traços da Crítica Literária no período de fortalecimento desses Cursos na década de 70, e, por fim, do sentido que ela passa a tomar nos anos 80 e nos momentos mais recentes.

Se na década de 70 fortaleceu-se a Crítica de cunho predominantemente universitário, enquanto produção presa às regras do trabalho acadêmico, dificultando, pelo próprio exercício inicial de novos modos de escrita e de valores, o diálogo com os veículos mais diretos de comunicação, na década de 80 surge uma outra atitude, mais aberta e mais fluente, de intervenção constante na vida social como um todo. Podem-se caracterizar as duas etapas, considerando, num ângulo histórico, o deslocamento operado no âmbito das necessidades, bem como no âmbito das realidades, políticas do país; antes, em 70, período de maior repressão e controle sociais, a necessidade da fundamentação teórica gerou a aprendizagem, a expansão e a análise dos postulados

das principais correntes críticas, entre elas a Estilística, o New Criticism, o Formalismo Russo, o Estruturalismo Francês, e, ainda, o aprofundamento teórico de valores e conceitos de natureza mais social (e cultural), provenientes do Materialismo Histórico, da Antropologia, da Sociologia.

Nos anos 80, período em que o país tenta reorganizar-se em sua perspectiva democrática, vê-se o florescimento e o predomínio das preocupações históricas, em especial, aquelas provindas da História das Idéias e da Crítica da Cultura. Isso não tanto em virtude da necessidade anterior, ou seja, a de aquisição e de explanação do saber teórico em si, mas, num passo adiante e já possível, como uma atitude mais ativa, mais soberana e mais capaz de dedicar-se, com os pressupostos e a leitura das correntes estrangeiras já amadurecidos, à análise concreta dos textos de nossa literatura, com vista à compreendê-los e, por via dessa compreensão, repensar os textos da cultura nacional. É, pois, a sociedade brasileira, formulada nas estratégias da ficção e da história, o grande centro de interesse da Crítica Literária no Brasil atual. Tentamos de outro modo retrair o nosso imaginário inscrito na literatura.

Este mapa genérico das tendências em dois períodos próximos (70 e 80) localiza-se com precisão numa geografia bastante nítida. Isto é, circunscreve-se, predominantemente, nos dois grandes centros de excelência intelectual e universitária constituídos no Brasil — Rio de Janeiro e São Paulo —, que funcionam, de certo modo, como centros de irradiação das preocupações intelectuais para os outros Estados. Esse processo começa no entanto, a modificar-se, tendo-se já um número considerável de pesquisadores ligados às Universidades Federais de outros Estados desenvolvendo projetos que, articulados às pesquisas dos centros, passam a propor novos rumos para a reflexão da Crítica no Brasil.

Quanto ao Rio de Janeiro, destacam-se o papel e a importância dos críticos ligados à Universidade Federal e à Pontifícia Universidade Católica; quanto a São Paulo, destacam-se o papel e a importância dos críticos ligados à Universidade de São Paulo e à Universidade de Campinas. Esta geografia da Crítica é essencial à compreensão do que de melhor se tem produzido entre nós.

No período de 70, desenvolveu-se no Rio de Janeiro o forte empenho pelas pesquisas relativas à linguagem enquanto fenômeno

geral e à linguagem da literatura, enquanto fenômeno particular. Assim, fizeram-se duas frentes de investigação: de um lado, produziram-se trabalhos críticos dedicados particularmente ao estudo das formas, ao exame dos mecanismos internos da literatura, aos princípios de funcionamento das estruturas narrativas; de outro lado, produziram-se trabalhos críticos voltados predominantemente para as reflexões de cunho filosófico e existencial, destacando-se os processos hermenêuticos de aproximação da obra literária, procurando-se intensificar as relações entre Literatura e Linguagem, entre Literatura e Essência, entre Literatura e Subjetividade Humana.

Do lado das preocupações formais, prevaleceu a influência do estruturalismo francês; primeiro, nas tentativas várias de estabelecer (muitas vezes de aplicar) os modelos mais gerais de análise da narrativa em nossa obra de ficção. Junto a esse empenho — que hoje a alguns parece inútil e despropositado, mas que permitiu a formação de novos métodos de leitura menos impressionistas e menos presos ao eixo dos conteúdos —, desenvolveram-se e aprofundaram-se as reflexões teóricas, criando-se com a produção local um núcleo efetivo de Teoria da Literatura. As pesquisas dos formalistas Russos, de base morfológica, as contribuições dos estruturalistas franceses em sua fase inicial (Barthes, Todorov, Genette, Greimas), as revisões dos estudos de lingüística estrutural, a releitura de Saussure, a absorção e o aproveitamento dos fundamentos de Hjelmslev acerca do poético, bem como as pesquisas do estruturalismo etnográfico de Lévi-Strauss serviram de base para a formação de uma Crítica responsável. Trabalhos de estudiosos da literatura, como os de Affonso Romano de Sant'Anna, Silviano Santiago e Luiz Costa Lima, datados dessa época, revelam, revistos hoje, a solidez de um projeto de construção de uma Crítica Literária bem formada, que veio, então, a se constituir. A análise das obras por eles produzidas revelam-nos que, desde sempre, não apenas se voltaram para a literatura e seus métodos de apreensão, mas também para a cultura brasileira como um todo, o que ficará inteiramente explícito com a produção mais atual dos três, já nesta década.

Embora marcados na época pela rubrica de estruturalistas, o que gerou momentos de polêmica envolvendo os outros núcleos de excelência universitária, cada qual desenvolveu pesquisas próprias, produzindo linhas singulares de projetos críticos.

As reflexões de Affonso Romano de Sant'Anna tornaram possível demonstrar a eficácia de novos e precisos modelos analíticos para a leitura de algumas obras-mestras da literatura brasileira. Seus conceitos e suas análises logo expandiram-se pelos cursos de Mestrado e de Doutorado em Literatura Brasileira, para cujo desenvolvimento muito contribuiu, planejando-os e os estruturando em bases firmes e inovadoras, influenciando decisivamente na criação de modernos métodos de ensino de literatura. Ao investir na transformação dos procedimentos tradicionais de ativação cultural, seus estudos, não apenas críticos como educativos, voltam-se para pelo menos três frentes: a da releitura da tradição poética nacional, através dos originais estudos de psicocrítica, onde procurará revelar as formas interditas de desejo, manifestas na poesia brasileira; a da proposição de um nova linha de entendimento e de localização dos textos formadores da literatura nacional, conforme os procedimentos alternados de ruptura e de continuidade por que as obras poderiam ser estruturadas; e, ainda, a aproximação das pesquisas de Mikhail Bakhtine ao exame da cultura brasileira, mormente no que se refere aos princípios da carnavalização, da paródia, da desordem e da mescla, com os quais opera parte da cultura e da literatura nacionais.

Silviano Santiago, hoje um dos nossos mais conceituados pensadores da Cultura e da Literatura brasileiras, seja através de sua atuação na Crítica, seja através da força de sua obra de ficção, já no início dos anos 70 incorporava à reflexão crítica do Brasil a idéia revolucionária de situar a Literatura e a Cultura fora de um eixo fixo e exterior. Através do desmembramento da reflexão filosófica de Jacques Derrida e da revisão do pensamento antropológico de Oswald de Andrade, passa a elaborar um processo de interpretação, que aborda o literário não mais em função das idéias tradicionais de fonte e de influência, mas a partir de uma "originalidade" especial, presente nas artes do terceiro mundo: dependente e, contudo, rasurante. Nesse sentido, suas análises colocarão em exame diversos problemas relativos ao papel do intelectual, seu poder de interferência na vida pública, e ainda as suas relações com as formas múltiplas dos poderes sociais. Cuidará também de repor, numa particular perspectiva, as relações efetuadas entre centro e periferia, entre nacional e estrangeiro. Questões, portanto, voltadas para a compreensão do fenômeno da dependência cultural que permitirão reler as diversas literaturas, de

modo completamente novo no campo da Literatura Comparada. Sua arguta e certa escrita crítica caracteriza-se como um dos mais ativos e inquietantes modos de tocar os objetos literários em embate com os objetos culturais. Os próprios romances repõem esses problemas críticos, reexaminando os vínculos tensos entre a arte e a cultura.

Luiz Costa Lima sempre se caracterizou por sua pertinácia em levar adiante, em alto nível, as especulações de cunho teórico. A Teoria da Literatura, mais que a Crítica ela mesma, tem sido seu campo privilegiado de atuação. Muito do que se tem produzido de melhor na área da Crítica deve-se a seu esforço por divulgar e desenvolver, com singular reflexão, o que de mais avançado se faz em Universidades estrangeiras. Além de análises seríssimas sobre grandes autores nacionais, revelando-lhes os sistemas de organização, destaca-se o interesse pelo método e pelo rigor analítico, articulado à especulação teórica. Formulou os princípios de uma análise sistêmica, como vem a chamar; combateu o caráter impreciso das leituras tradicionais; e procura hoje discutir as relações entre o imaginário e as suas formas de controle. Suas teses permitem traçar também um quadro de conduta da literatura brasileira, em função da predominância do veto ficcional expresso na tendência literária de voltar-se mais para o fato. Além dos estudos que têm por base história e ficção, encontra-se, em seu trabalho crítico, o sentido da atualização, pelo intercâmbio feito com grandes sistemas teóricos atuais, destacando-se os trabalhos da escola de Konstanz, em especial os relacionados à estética da recepção.

Ainda no Rio de Janeiro, desenvolveu-se uma linha de trabalho mais diretamente ligada à filosofia da linguagem, com nítido interesse estético, em que se concebe a própria Crítica como atividade artística e criadora. Nessa orientação, encontra-se a atividade crítica de Eduardo Portella, que, partindo da Estilística Espanhola, cedo passa para o terreno da interpretação ontológica, visando a relacionar o fenômeno da arte e da literatura ao fenômeno da essencialidade do homem, reexaminando, assim, com alto senso estético, os processos de artisticidade da literatura. Para tanto, recorre à reflexão do filósofo Martin Heidegger. Outros estudiosos darão prosseguimento às suas pontuações críticas, seguindo o caminho da Hermenêutica, nesse movimento de retorno a Heidegger. Para tanto, muito contribuíram as lições, não de um crítico da literatura, mas de um filósofo brasileiro, Emmanuel Carneiro Leão.

Se a tendência à pesquisa estrutural, de um lado, e à filosófica de outro caracterizou a Crítica Literária no Rio de Janeiro, em São Paulo dois outros processos fortes de pesquisa universitária se formaram. Um, situado na vertente de investigações dialéticas — sociais, históricas e estilísticas — realizadas por Antonio Candido; outro, na direção do reexame do valor estético das linguagens empregadas pelas artes de vanguarda.

Na linha de trabalho de Antonio Candido, de caráter sociológico, pautado na erudição ativa, no conhecimento profundo das obras e das culturas nacionais e estrangeiras, forma-se um grupo de estudiosos da maior expressão, que, valendo-se da perícia admirável no método dialético (que caracterizou a obra de Candido como uma das poucas que conseguiram articular, de modo magistral e harmônico, o exame da forma e o exame da história, ou ainda, como uma das raras que conseguiram revelar o profícuo diálogo existente entre a História das formas e as formas da História), vão desenvolver e afinar os instrumentos metodológicos e conceituais de Antonio Candido e criar uma verdadeira potência crítica, imprescindível a quem queira hoje compreender os modos de funcionamento da cultura brasileira. Nessa linha, encontram-se críticos da maior relevância, conforme provam as reflexões e descobertas presentes nas análises e intervenções de Roberto Schwarz, Walnice Nogueira Galvão, João Luiz Machado Lafetá, para apenas mencionar alguns. Trabalhos que analisam e decifram pontos diversos de nossa natureza estético-político-cultural. As relações entre escritor e público, entre escritor e Estado, entre escritor e intelectual, entre intelectual e poder, relações, enfim, entre literatura e sociedade, são, aí, tratados segundo uma perspectiva inovadora, irradiando e definindo o núcleo mais palpável de interesse da Crítica Literária de agora. Pode-se dizer que, num certo sentido, a produção paulista derivada do pensamento crítico de Antonio Candido indica os rumos predominantes da reflexão crítico-literária no país. Dentro ainda dessa esfera, embora de forma mais discreta, dada a preocupação com o aprimoramento delicado da linguagem da própria Crítica, situam-se os estudos de Davi Arrigucci Jr., esse atento leitor da obra de Julio Cortázar e das obras menos tratadas nos estudos de literatura brasileira. Seu interesse por gêneros literários desprezados, como a crônica, e seu interesse pelos poetas e prosadores que tematizam o trivial, o cotidiano, o simples, a oralidade, muito têm

influenciado as pesquisas universitárias últimas, cuja tendência é a de, em Crítica e com a literatura, fazer uma certa história das mentalidades, uma certa história da vida comum.

Em uma outra ponta, distinta desta de filiação aos trabalhos de Antonio Candido, destaca-se a contribuição do grupo mais preocupado por construir uma, podemos chamar, semiótica da arte, por meio da apreciação analítica, formal e estética dos grandes inovadores da escritura literária, por meio da reavaliação da prática e da teoria expressas nas artes de vanguarda. Assinalam-se, nesse campo, os poetas e críticos Haroldo de Campos, Augusto de Campos e Décio Pignatari. Envolvendo várias linguagens — a da mídia, a das artes gráficas, a da poesia, a da música — a Crítica passa a exercer, a partir da publicação de seus trabalhos, uma função efetivamente criadora. Com eles desenvolvem-se não apenas a leitura inovante da poesia, como também a própria escritura poética. Expande-se a visão semiológica, estendendo-se ao próprio campo da editoração, implantando-se, no país, a consciência do livro, ele mesmo enquanto volume e objeto, como arte plástica. Além do movimento de poesia concreta e das próprias produções poéticas, disseminam, via traduções-criações primorosas, as grandes obras da poesia internacional. O trabalho crítico volta-se assim para o aprimoramento da sensibilidade estética, por meio do exame e do emprego das formas mais extremas de realização artística, facilitando o acesso à literatura brasileira, por uma outra possibilidade de seleção de textos, segundo a qual se estabelecem novas genealogias, e se grifam as famílias dos inovadores nos quadros da nossa literatura. Une-se ainda a esse projeto crítico o que há de mais atual no campo da teoria da tradução.

Diante desse mapa de tendências houve — e há — conflitos, polêmicas acirradas, confrontação de forças e de verdades; não nos atemos aqui às questões de poder literário aí implícitas, nem tampouco ao poder de transformação que nasce da divergência, do não-consenso. Julgamos que agora, nos anos 90, a aspereza dos embates esteja mais polida, e os novos meios de agir crítico mais delineados, podendo constituir já um acervo, que só aos poucos a avaliação cuidadosa poderá mostrar melhor o destino das forças (nietzscheaneamente falando), as condições históricas que fazem umas, em alguns momentos, predominarem, e outras, em alguns momentos, submeterem-se. A avaliação da Crítica precisa antes estabelecer o

quadro geral, as intensidades, os valores como se apresentam. Os mais diversos deslocamentos das forças, suas tendências e direções, ora dominantes, ora dominadas, oferecem a uma História da Crítica as condições de surpreender o esforço da inteligência no tempo em sua dinâmica, o movimento heteróclito das vontades, os sentidos das verdades, provisórias mas afirmativas.

A intensidade e a variedade de interesses críticos na década de 80 mostram-nos que o poder das análises predominantemente formais foi sendo minimizado. Ocorreu também uma espécie de ausência de necessidade histórica na ênfase dada à teoria em si, ou mesmo na ênfase de explicitação metodológica. Houve o abandono gradativo dos protocolos que, naturalmente, constituíram o arsenal das teses universitárias em sua fase de consolidação científica e acadêmica. Não que os trabalhos recentes não se situem em relação ao universo teórico em que se produzem, mas sim que já se sentem mais libertos, tendendo agora a se organizarem segundo o espírito de autonomia do ensaio. Os nossos melhores livros de Crítica Literária hoje são, em sua maioria, recolhas de intervenções diversas em Simpósios, em Revistas especializadas, em seções de jornais dedicados à literatura. A análise dessas recolhas parece definir os rumos, as linhas e vertentes principais dos estudos literários. O método e a escolha do ensaio para expressar os valores não mais dirigidos ao mundo privado das Universidades — ao contrário, pelo ensaio começa-se a sair para a participação pública — demonstram o amadurecimento e o valor das conquistas feitas. A linguagem da Teoria da Literatura e suas formas de reflexão encontram-se, no ensaio, assimiladas e transformadas pelo discurso crítico, tornando-se cada vez mais uma praxis.

Os livros de Crítica Literária passam assim a interessar a um número maior de estudiosos, incluindo não apenas os relacionados às áreas de Letras, mas também todos aqueles que se interessam por compreender em profundidade a história e a cultura. Neles estão presentes, num discurso de maior alcance, finas análises de Crítica cultural, abarcando perspectivas epistemológicas amplas. O que se constata atualmente é o fenômeno da interdisciplinaridade caracterizando largamente os novos textos de Crítica Literária. Outro aspecto curioso é que o diálogo, antes travado predominantemente com as grandes fontes do pensamento europeu, começa a mover-se de modo mais interno: os estudos de Crítica fazem-se via intercâmbio entre os

diversos pesquisadores respeitados do país. Uma análise das referências bibliográficas evidencia essa ampliação dos interlocutores e reafirma o crédito dos pares na construção de um pensamento próprio, formando um conjunto significativo de propostas críticas indispensáveis à compreensão seja das artes, seja da literatura, seja da sociedade brasileiras.

O que se produziu no Brasil, primeiramente nos dois centros de irradiação citados, começa a produzir efeitos em outros pontos do país. Assim, além do Rio de Janeiro e de São Paulo, já se pode contar com diferentes núcleos de Crítica, que, partindo desses centros, amplia as reflexões, conforme sinais de novos estudos e interesses de novos pesquisadores. Os temas primeiramente vistos por Silviano Santiago, como os relativos a pós-modernidade e a questão do pastiche, têm sido desenvolvidos por pesquisadores em Minas Gerais; as análises das ideologias, tão bem feitas por Roberto Schwarz, expandem-se por diversos Estados; outros temas surgem, como o do exame das cidades, as revisões dos artistas nos períodos da colonização, bem como os relacionados à formação do leitor desde as séries iniciais de escolaridade, tal como se dá com estudiosos do Rio Grande do Sul.

A Crítica Literária já não se restringe à valoração das obras, nem apenas à vontade de se formar um sistema de classificação e de distribuição historiográfico nos moldes clássicos, mesmo porque as grandes obras, os períodos literários, os sistemas estéticos foram já, por esse modo e na medida do possível, bem estudados. As tendências atuais circunscrevem-se a trazer contribuições para se dar início a uma futura e nova História Literária, de modo a estabelecer outros recortes no tempo, apagando a divisão tradicional dos estilos de época, presos ainda a uma postura globalizante, que tende a neutralizar as ricas diferenças de formas, de estilo e de visão de um dado período em função de um princípio nivelador do tudo valer pela semelhança.

A nova historiografia, ainda em fase embrionária, torna-se atenta aos conflitos, às desordens no interior dos tempos, e procura articular as conquistas da Ciência e da Filosofia da linguagem às novas aquisições de conhecimentos oriundos da História das idéias e das mentalidades e da Crítica da cultura. A Literatura, em seu trabalho de ficcionalização, consiste em um dos instrumentos mais férteis para se pensar os modos de fazer, de dizer, de pensar e de sentir das sociedades. Por essa razão, talvez, pronuncia-se, enriquecendo o

terreno da Crítica Literária no Brasil, toda uma série de estudos de História Social e de Ciência Política que parte do exame de nossas obras literárias. Muitas das mais pertinentes análises críticas têm sido produto não só de críticos literários, mas também de historiadores e de filósofos. A exemplo, citam-se dois nomes, o de Nicolau Sevcenko e o de Carlos Néelson Coutinho. Ao lado disso, não há como deixar de mencionar a revisão por que passa hoje a chamada Literatura Comparada, após os estudos sobre processos de intertextualidade, sobre as tensões entre culturas, sobre a destituição do valor definitivo da origem, sobre os dialogismos que as artes e as culturas mantêm, se apreendidas sob um olhar menos nativista e mais interplanetário.

A obra crítica e filosófica de Benedito Nunes, as proposições semiológicas de Leyla Perrone-Moisés, a erudição histórica e estética, de grande segurança analítica de Alfredo Bosi, bem como as agudas contribuições de José Guilherme Merquior, no âmbito da revisão e da análise de nossa tradição, constituem outros pontos da constelação da alta Crítica brasileira. Espécies de forças independentes que se vêm somar ao trabalho de qualificação da Crítica Literária no Brasil de hoje.

Todo esse esforço por captar o caráter de *Mathésis* (o congraçamento dos vários saberes) da Literatura, não apenas nos auxilia a enfrentar a complexidade do literário, como também vai aos poucos modelando os meios sensíveis e inteligentes que nos permitem o autoconhecimento e, portanto, o uso alegre de nossa força criadora. Força imprescindível tanto ao procedimento histórico do *restauro*, isto é, o atendimento à necessidade de se refazerem as referências perdidas, no intento de se compreender politicamente, no ontem, o Brasil de hoje, quanto à atitude histórica de *invenção do novo*, que impõe, para além das estruturas sociais o ativismo e a afirmatividade do pensamento crítico, divergente e plástico.